

Ficamos sabendo de encontros com faquires e dervixes; de como Gurdjieff dedicou-se ao estudo de HIPNOSE e IOGA; de mosteiros ocultos do acesso casual. Qualquer que seja a verdade sobre as viagens de Gurdjieff, ele regressou à Rússia com o material do sistema que iria ensinar durante quarenta anos. Era um sistema que pretendia explicar a natureza do homem e o universo, e embora as fontes de Gurdjieff provavelmente fossem diversas, a linguagem com que ele ensinava era a da ciência materialista. Para compreender isto, deve-se notar que, embora a região onde Gurdjieff nascera estivesse cheia de seitas arcaicas — doukbors, nestorianos, jacobitas e outros — e embora o jovem logo se convencesse de que a solução para sua meta "psicopata" de "saltar acima dos próprios joelhos" estava entre os herdeiros do saber antigo, ele fora na juventude um ocidentalista convicto, lera livros sobre medicina e neuropatologia e ficara fascinado com a mecânica. Logo, à verdade que Gurdjieff descobriu em suas misteriosas viagens teria de complementar as descobertas da ciência ocidental, e não contradizê-las de saída.

Gurdjieff chegou a Moscou em 1912, e passou a arrebatar discípulos. Um especialista finlandês em doenças mentais, o Dr. de Stjornval, foi fundamental para a formação do primeiro grupo em São Petersburgo. O compositor Thomas Hartmann juntou-se ao círculo com a esposa. E através de um escultor chamado Vladimir Pohl entrou na órbita de Gurdjieff seu mais distinguido discípulo, Peter Demianovitch Ouspensky.

Ouspensky era um jornalista estabelecido e conferencista sobre assuntos místicos. Fora profundamente influenciado por obras teosóficas, e escrevera um livro de muito sucesso, *Tertium Organum*, uma defesa do tempo como a quarta dimensão. Na eclosão da guerra, em 1914, ele estava no Ceilão, numa viagem em redor do mundo, tentando descobrir um ensinamento

que satisfizesse suas indagações. Ia encontrar-se com alguns iogues, que achava podiam ajudá-lo, quando se viu obrigado a voltar para casa. O que ele procurava, encontrou em Moscou. Os interesses místicos de Ouspensky não eram de modo algum excepcionais na Rússia pré-revolucionária, um viveiro de ocultismo e religiões exóticas. A princípio, Ouspensky achou que Gurdjieff e seus discípulos pertenciam a categorias demasiado conhecidas, e das quais pouco se podia esperar. Tudo na atitude de Gurdjieff conspirava para afastar o candidato a discípulo. Ele parecia astucioso e furtivo, esforçava-se para mostrar-se sob uma luz desfavorável, só marcava encontros em botecos decadentes, recusava-se a marcar hora para encontros. Apesar disso, Ouspensky logo compreendeu emocionado que o sistema explicado por Gurdjieff era muito mais abrangente e coerente do que tudo que ele encontrara até então.

A Quarta Via - Sistema de Gurdjieff

A base do sistema é que o homem está dormindo e deve despertar. É vítima do hábito; mais que isso, é uma máquina. O homem está sujeito a uma multiplicidade de leis que determinam seu funcionamento. É sua tarefa tornar-se senhor de si mesmo e modificar algumas dessas leis que o afetam pessoalmente. Isso se faz por um processo de auto-observação, e pelo que Gurdjieff chama de "automemoração". Essa visão da vida implica uma imensa cosmologia que incorpora duas leis fundamentais — a oitava e a tríade — e um símbolo que tudo abrange chamado de eneagrama, que representa no sistema de Gurdjieff o hieroglifo do universo. Gurdjieff advertia a seus discípulos que a máquina homem não possuía uma alma imortal, mas pelo "trabalho sobre si mesmo" podia criar algo semelhante. Ele chamava seu sistema de "a Quarta Via", ou seja, a via do homem que leva uma vida comum, em oposição às outras três "vias" do fa-

quir, do monge e do iogue. O sistema tinha outro nome: chamava-se "a via do homem sagaz".



P. D. Ouspensky

Em 1917, a Revolução interrompeu o trabalho de Gurdjieff e de seus grupos. Ele regressou com a família para sua casa no Cáucaso, e a ele se uniram Ouspensky, os de Stjornvals, os de Hartmanns e outros membros de seu séquito. Estabeleceu-se em Tiflis o Instituto para o Harmonioso Desenvolvimento do Homem, onde Gurdjieff continuou seus ensinamentos, agora menos por meio de exposição que por um método de criar situações de dificuldades psicológicas para os discípulos e um complexo sistema de movimentos projetados para intensificar o conhecimento e auto-controle. Utilizava-se o próprio tumulto causado pela guerra civil, e Gurdjieff liderava expedições através do perigoso país para experimentar a resistência de seus alunos. Designaram-se senhoras enfastiadas e intelectuais de Moscou para vender produtos no mercado: tudo visando criar condições em que os pupilos fossem capazes de confrontar-se com eles mesmos e fazer o "super-esforço" que se diz dar ao

homem, no sistema de Gurdjieff, o poder de atrair fontes da mais alta energia.

A vida acabou por tornar-se tão difícil que obrigou a Gurdjieff e seus seguidores deixarem a Rússia por Constantinópolis, onde se retomou o trabalho. Ouspensky começou a desconfiar de seu mestre e conseguiu partir para Londres com a ajuda financeira de um admirador da edição americana de *Tertium Organum*. Gurdjieff também deixara Constantinópolis e, depois de duas frustradas tentativas de se estabelecer na Alemanha, chegou a Paris no final de 1922. Seus seguidores — que agora incluíam o pintor Alexandre de Salzmann e a esposa, que se haviam juntado ao grupo em Tiflis — compraram o Prieuré des Basses Loges, em Fontainebleau, um castelo que outrora pertencera a Dreyfus. Aí, Gurdjieff estabeleceu seu Instituto, distribuiu um elaborado prospecto de suas atividades — que revelavam pouca relação com o trabalho que na verdade desenvolvia — e realizava apresentações de seus movimentos e danças sagradas em Paris. Ouspensky visitava-o vindo de Londres, mas embora impressionado com o trabalho que se fazia no Prieuré, decidiu que não podia mais trabalhar com Gurdjieff. Por outro lado, muitos participantes do círculo que originalmente frequentavam as conferências de Ouspensky, em Londres, vinham a Fontainebleau para estudar sob o mestre reconhecido sempre por Ouspensky como a fonte dos ensinamentos que ele expunha.

Para o Prieuré vieram A. R. Orage, editor da *New Age*, Clifford Sharp, editor do *New Statesman*, Rowland Kenney, que fora o primeiro editor do *Daily Herald*. O grupo em torno de Middleton Murry e D. H. Lawrence sentiu-se atraído mas Murry e Lawrence não apreciavam a idéia de ir a Fontainebleau. O único de seu círculo a chegar à França foi a mulher de Murry, Katherine Mansfield, que morreu em Prieuré, em 1923. Desenvolvia-se no Instituto o trabalho nos contornos que Gurdjieff ini-

(*) Ouspensky - Tertium Organum
200
defesa do tempo como 4ª dimensão